

China: em busca de dignidade nos mares do Extremo Oriente

*por Alberto Forchielli**



A crescente preocupação e tensão no Mar da China Meridional não é só na vertente oriental do Oceano Pacífico. A atenção está sobre a Cimeira dos países da ASEAN, mas outros surtos surgem, revelando as rivalidades escondidas no aumento frenético económico do Extremo Oriente. Em Phnom Penh, a presidência cambojana impediu que se inserisse no comunicado final da reunião de Ministros

dos Negócios Estrangeiros uma menção sobre a disputa dos Scarborough Shoal, uma série de pequenas ilhas, a pedido das Filipinas. Tratava-se para o Camboja de um litígio bilateral entre Manila e Pequim. E pela primeira vez em 45 anos, o summit é fechado sem uma declaração final. Ao mesmo tempo, no Pacífico Norte outros episódios da crónica causam apreensão. Ao largo de Vladivostok a Marinha Russa capturou, após um tiroteio, 36 marinheiros chineses, acusando o navio de atividade ilegal. No mesmo dia Tóquio chamou o embaixador a Pequim. A usuais motivações diplomáticas, "para consultação", escondendo a tensão sobre as Ilhas Diaoyu. O pequeno arquipélago é considerado território nacional de Tóquio, que o chama de Senkaku. A vontade de colocá-lo sob a jurisdição nipónica é considerada pela China uma violação unilateral do status quo que transmitiu na negociação sobre a resolução da titularidade das ilhas disputadas.

Uma missão de Pequim chega finalmente ao Oceano Ártico para explorações científicas. Trata-se da quinta missão desde que o programa Ártico foi lançado, com a clara intenção de controlar o Pacific Rim por inteiro e não apenas o seu lado meridional. De aspetos diversos é da vontade sul coreana mudar o nome ao Mar do Japão. Seul está tentando substituir a expressão "Sea of Japan" pelo termo "East Sea", ou pelo menos usar os 2 nomes juntos. Não há disputas territoriais com Tóquio, e as relações se não amigáveis são baseadas na cooperação. É no entanto a dignidade do país, o resgate da dominação da nipónica, que fundamenta o pedido. Em abril, na reunião quinquenal no Principado do Mónaco, a International Hydrographic Organization, a única entidade chamada a mediar estas disputas, reconheceu apenas o nome "Mar do Japão", aceitando assim a posição de Tóquio. O governo de Seul, desde então, embarcou numa batalha de imagem para afirmar a sua posição. A recolha de assinaturas juntou em poucos dias 100.000 adesões enviadas à Casa Branca. Num mar atravessado por tensões e navios de guerra, a posição coreana ressalta pelo o pacifismo determinado e pela busca de um resgate, já não confiando sozinho à economia.

*Presidente de Osservatorio Asia